

Via Litterae

Revista de Linguística e Teoria Literária • ISSN 2176-6800

A gramaticalização do juntivo *todavia* na história do português

The grammaticalization of juntive *todavia* in the Portuguese history

Tatiana Mazza da Silva-Surer

Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP – São José do Rio Preto)

Resumo: O objetivo deste artigo é apresentar a análise da mudança sintático-semântico-pragmática do juntivo adversativo “todavia” na história do português. Tendo como fundamentação teórica os postulados da gramaticalização, comprovaremos, por meio de análises contextuais que explicam o surgimento do uso conjuncional adversativo do item, a trajetória de mudança *advérbio* > *conjunção*. Para análise, utilizamos como *corpora* dados de escrita de diferentes textos do século XIII até o século XX. Além disso, faremos uma breve discussão do juntivo “todavia” baseada nos estudos de Sweetser (1990) sobre o adversativo italiano *tuttavia* e o inglês *anyway*, mostrando as semelhanças do adversativo português com estes adversativos e a importância da metáfora para explicar o processo de mudança.

Palavras-chave: Mudança linguística. Gramaticalização. Juntivo adversativo “todavia”.

Abstract: This aim of this article is to present the analysis of the syntactic, semantic, pragmatic change of the adversative juntive “todavia” in the Portuguese history. Having the postulates of grammaticalization as a theoretical base, we prove, through contextual analyses that explain the emerging of the adversative conjunctive use of the item, the trajectory of the change *adverb* > *conjunction*. For the analysis, we use written data of different texts from the XIII to the XX century as corpora. Moreover, we will briefly discuss the juntive “todavia” based on the studies of Sweetser (1990) about the Italian adversative *tuttavia* and the English *anyway*, showing the similarities of the Portuguese adversative with these adversatives and the importance of the metaphor to explain the process of change.

Keywords: Linguistic change. Grammaticalization. Adversative juntive “todavia”.

Introdução¹

Tem-se como objetivo, neste artigo, a descrição da mudança sintático-semântico-pragmática do item *todavia* do século XIII até a sincronia atual, sob a perspectiva da gramaticalização, com vistas a comprovar a hipótese de uma trajetória do tipo *advérbio* > *conjunção*, por meio de análises contextuais que expliquem o surgimento do uso conjuncional adversativo na história do português. Segundo Houaiss (1991), *todavia*, datado do século XIII, foi formado, no latim, da junção do pronome indefinido *tota* com o sintagma nominal *via*, com sentido de *em todo o caminho*. No português arcaico, passou a integrar a classe dos advérbios, com o sentido originário de *sempre, constantemente*.

Com base nos critérios de frequência *token* e *type* (HEINE, 1991; BYBEE et al. 1994; BYBEE, 2002, 2003), verificamos as ocorrências desse item levando em conta os seguintes fatores: (i) relação semântico-discursiva; (ii) posição de *todavia* no enunciado; (iii) presença de negação; (iv) funcionamento semântico-pragmático no uso adversativo; (v) século.

Baseados nos estudos de Sweetser (1990) sobre os adversativos *tuttavia*, no italiano, e *anyway*, no inglês, reconstruímos a trajetória diacrônica do adversativo português “*todavia*”, a fim de observarmos as semelhanças com esses adversativos e de diagnosticarmos a importância da metáfora para o processo de mudança do item.

Para análise, foram selecionados textos variados de fontes históricas e também dados de escrita do português contemporâneo. Para compor o *corpus* diacrônico, foram selecionados textos pertencentes ao “Banco Informatizado de Textos”, do Projeto para a História do Português (BIT-PROHPOR), de responsabilidade dos pesquisadores da Universidade Federal da Bahia, complementados pelos textos do “Corpus Diacrônico do Português”, organizado por Longhin-Thomazi (2007). Para representar o século XX, foram selecionados alguns textos do Banco Lexicográfico da UNESP-Araraquara e, representativo do século XXI, selecionamos alguns textos de caráter opinativo-argumentativo (painel de leitores, editoriais, crônicas jornalísticas) do jornal *Folha de S. Paulo*.

1 Os pressupostos da gramaticalização

Em linhas gerais, segundo Hopper e Traugott (2003), a gramaticalização pode ser entendida como um processo pelo qual itens e construções lexicais passam, em determinados contextos, a assumir funções gramaticais ou, se já gramaticalizados, continuam a desenvolver novas funções gramaticais. Segundo Traugott (1982, 1999) e Traugott e König (1991), esse processo de mudança envolve

¹ Este artigo apresenta parte dos resultados da minha dissertação de mestrado que teve como objetivo investigar a gramaticalização dos *juntivos* adversativos na história do português.

uma pragmatização crescente de significados (mudança semântica) e uma recategorização do item (mudança sintática).

A unidirecionalidade, princípio fundamental da gramaticalização, norteia todos os processos de mudança, uma vez que a mudança segue um caminho único, sempre do mais lexical para o mais gramatical, e não vice-versa.

Essa hipótese da unidirecionalidade pode ser vista tanto na própria definição de gramaticalização, a qual pressupõe um aumento de gramaticalidade, pois um item lexical adquire características de um item gramatical, e não vice-versa, quanto nos mecanismos que regem o processo, sendo os principais a metáfora e a metonímia.

A metáfora, de modo geral, pode ser entendida como o uso de um item do domínio concreto que é empregado num domínio mais abstrato; já a metonímia, também chamada de *reinterpretação induzida pelo contexto*, refere-se à mudança que uma determinada forma sofre devido ao contexto que está sendo utilizada.

Dentro da gramaticalização de conjunções, os trabalhos de Traugott (1982, 1999), de Traugott e König (1991) e de Sweetser (1990) são importantes referências. Esses autores advogam que, no processo de gramaticalização, um item passa de significados referenciais, mais concretos, a significados pautados na atitude do falante acerca do que está sendo dito, intermediados por significados relacionados com a construção textual.

2 A gramaticalização de *todavia*

No gráfico 01, apresentamos a frequência *token* de “*todavia*” no período dos séculos XIII a XXI.

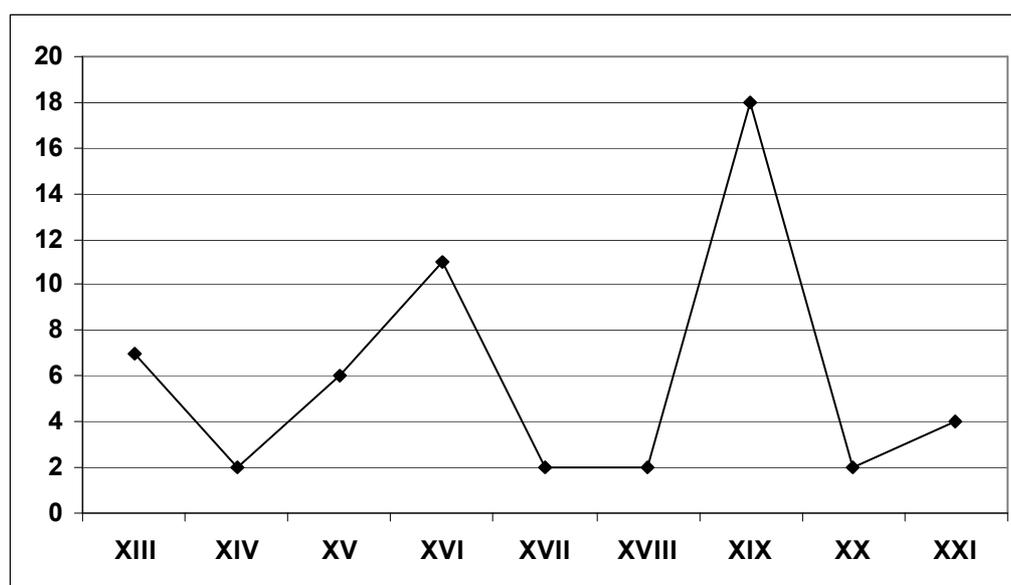


Gráfico 01: Frequência *token* de “*todavia*” do século XIII ao XXI

Embora “*todavia*” apresente uma frequência oscilante nos textos investigados, ocorre em todas as sincronias investigadas. A frequência *token* de “*todavia*” aumenta do século XIV ao XVI, mantém-se estável nos séculos XVII e XVIII e alcança seu maior pico no século XIX; no século XX, o item chega à nulidade; no século XXI, ele apresenta poucas ocorrências, devido ao tipo de texto jornalístico, uma vez que o texto jornalístico passa por um controle de caracteres, tendo por preferência, portanto, o uso de “*mas*”.

Na tabela 01, à página seguinte, expomos as frequências *token* e *type* de “*todavia*” durante os séculos investigados.

Frequência <i>token</i>		Frequência <i>type</i>	
54		06	
Categoria	Valor semântico	Totais	
Conjunção (16,7%)	Ambígua: de todo modo, constantemente/ adversativo	1	(1,9%)
	Adversativa	8	(14,8%)
Advérbio juntivo (40,7%)	Ambígua: de todo modo, constantemente/ adversativo	1	(1,9%)
	Adversativo	21	(38,8%)
Advérbio (42,6%)	Advérbio de modo I (<i>de todo modo</i> ; <i>constantemente</i>)	19	(35,2%)
	Advérbio de modo II (<i>completamente</i>)	2	(3,7%)
	Reforço	2	(3,7%)
		Total	54 (100%)

Tabela 01: Frequência *token* e *type* totais de “*todavia*” na história do português (séc. XIII a XXI)

Numa análise geral, constatamos que, enquanto o uso conjuncional apresenta uma frequência baixa, 16,7%, o uso adverbial, estágio inicial do processo de gramaticalização, apresenta uma frequência alta, 42,6%. Enquanto categoria de nível intermediário, o uso como advérbio juntivo apresenta frequência de 40,7%, valor não muito distante do uso puramente adverbial, mas muito distante, ambos, do uso mais gramaticalizado como conjunção (16,7%). Em termos frequenciais, esses resultados para “*todavia*” podem diagnosticar um processo de gramaticalização lento ou tardio na história da língua.

Ainda sob esse panorama mais geral, que considera os resultados de todos os séculos conjuntamente, o valor semântico que se sobressai no uso de “*todavia*” é o de adversativo (53,6%), tanto na categoria de *advérbio juntivo* como na de *conjunção*.

Essas informações gerais sobre o comportamento categorial e semântico de “*todavia*”, ou seja, de sua alta frequência como advérbio e como adversativo, podem levar a hipotetizar que sua mudança semântica é anterior à categorial. Entretanto, apenas uma análise que considera o comportamento sintático-semântico do item nas diferentes sincronias permitirá confirmar ou refutar essa hipótese, como se verá mais adiante. Por ora, vejamos nas ocorrências de (01) a (08), ocorrências exemplificativas de cada um dos *types* considerados na tabela 01.

(01) **Advérbio de modo I**

ca ham de vijr em esta terra do Egito sete anos de grande avondança, e depos eles outros sete anos de grande falecimento, e de grãa fame per toda a terra do Egito, em tal guisa que esquecerá toda a avondança, que ante ouve, e esto demostram as sete vacas grossas, e as sete spigas compridas; e porque o sonho foi dobrado, e visto per duas vezes demostra afirmamento de verdade, que **todavia** assi ha de seer como demostram os sonhos. (14BMP, p.45)

Em (01), “*todavia*” é considerado um advérbio que estabelece uma relação modal que pode ser parafraçada por “de todo modo”, ou seja, o sonho visto duas vezes demonstra a constatação da verdade que *de todo modo* assim há de ser como demonstram os sonhos. Nenhuma leitura de adversidade é possível de ser apreendida nesse contexto, do mesmo modo que também não é possível na ocorrência em (02).

(02) **Advérbio de modo II**

No meio das cahoticas leituras a que então me entregava, devorando com igual voracidade romances e livros de sciencias naturaes, poetas e publicistas e até theologos, a leitura do *Fausto* de Goethe (na tradução franceza de Blaze de Bury) e o livro de Rémusat sobre a nova philosophia allemã exerceram **todavia** sobre o meu espirito uma impressão profunda e duradoura: fiquei definitivamente conquistado para o *Germanismo*; e, se entre os francezes, preferi a todos Proudhon e Michelet, foi sem duvida por serem ests dois os que mais se resentem do espirito de Alem-Rheno. (19CAQ, p.2)

Na ocorrência (02), “*todavia*” estabelece uma relação adverbial de modo com o sentido de *completamente*. Numa leitura atual dessa ocorrência, teríamos: “[...] a leitura do *Fausto* de Goethe e o livro de Rémusat sobre a nova filosofia alemã exerceram *completamente* sobre meu espirito uma impressão profunda e duradoura.”

Como advérbio de reforço, segue a ocorrência de “*todavia*” em (03).

(03) Reforço adverbial

Como assi seja que em duas maneiras se faça a alguem enjuria: hua per engano, e outra per força, o engano perteece aa rraposa, e a força ao liom, e cadahua delas he muy estranha da natureza do homem. Mas **todavia** o engano he mais digno de sseer avorrecido. (15LO, p.17)

Como se nota, em (03), “*todavia*” funciona apenas como reforço da direção argumentativa do enunciado encabeçado por *mas*.

Câmara (1975) e Castilho (1997) defendem que os itens adversativos, em geral, adquiririam, metonimicamente, esse valor de adversidade em contextos de coocorrência com outro adversativo. Os dados mostrados na tabela 6 acima apontam uma frequência muito baixa da função de reforço (3,7%) de “*todavia*”.

Em (04), segue ocorrência em que “*todavia*” apresenta valor ambíguo entre leitura de modo e de adversidade.

(04) Advérbio de modo I/ Advérbio juntivo adversativo

E depois de terdes dito e Repricado todo o que vos mamdo, e vos mais parecer que compre por alguu novo caso ou Reposta delRey, que se não pode adivinhar, não sayndo, pore, nada d’esta tençom e sentença, ne dando ocasiom que vos Responda cousa a que vos seja neçesareo Responder mais aspero do que vos vay apontado, se **todavia** elRey nã quyser mãdar corrigir estas Represareas, e sua Reposta for sem efeyto, ou de se desfazere de todo, ou de se nellas sobre estar atee se o caso tornar a ver por justiça; e depois de vos hua ou duas vezes a tall Reposta não terdes Recebida, dizendo que a não aveis aimda por Reposta, e esperaraaes, e lhe pedires muyto por merçe que o queira melhor cuydar, e lembrarse do que lhe tendes dito de minha parte. (16CDJ3, p.10)

Em (04), “*todavia*” ocupa uma posição medial dentro de uma oração dependente. Essa ocorrência possibilita duas leituras – de modo e adversativa –. Numa leitura de modo, “*todavia*” poderia ser parafraseado por *de todo modo*, isto é, o locutor afirma para o seu interlocutor que ele faça algo *de todo modo* o rei não quiser mandar corrigir as represálias. Já numa leitura adversativa, no primeiro enunciado, o locutor defende a ideia de que se deva procurar o rei para se ter a resposta; no segundo enunciado, entretanto, aponta para o seu interlocutor o que deve fazer, caso o rei não responda.

Advérbio juntivo adversativo

- (05) Eis aqui por que, entre tantas cousas difficeis e intrincadas que, n’essa noite, com esforço arrancava da memoria e da intelligencia me esqueceu esta simplicissima, e que me acompanha sempre o espirito como uma companheira misteriosa – a

lembrança dos que choram.

E **todavia**, meu amigo, se um bom syllogismo vale muito, uma lagrima bem quente, bem viva e bem sentida, deve valer tanto – ou muito mais ainda. O peso duma lagrima! (19CAQ, p.18)

- (06) Estas circunstancias pareceriam suficientes para me imporem um silencio, ou modesto ou desdenhoso. Não o são, **todavia**. (19CAQ, p.30)

“*Todavia*”, em (05), ocupa posição medial e estabelece apenas a relação semântica de adversatividade, em que o segundo enunciado serve como um novo argumento – o peso de uma lágrima – para o que estava sendo dito no primeiro enunciado. A relação sintática de ligar as orações é estabelecida pelo conector *e*.

Em (06), “*todavia*” ocupa posição final e estabelece a relação de adversatividade entre as duas orações, uma vez que o primeiro enunciado traz o argumento de que as circunstâncias seriam suficientes para silenciá-lo, enquanto o segundo enunciado argumenta na direção oposta – as circunstâncias não são suficientes. A relação sintática entre os dois enunciados se dá por justaposição.

Segue, em (07), o valor prototípico de conjunção adversativa de “*todavia*”.

(07) **Conjunção de modo I/ Adversativa**

– Ai, senhoram disse Meraugis, eu soõ ainda novel cavaleiro e soõ de pequena nomeada, e rogo-vos por Deus que me leixedes ir convosco ataa que veja que vós havedes mester de companhia, ca o coração me diz que vos há-de contecer alguu mal.

– Nom farám, disse Erec, se Deus quiser.

– **Todavia**, disse Meraugis, vos rogo que me leixedes convosco ir.

E el lho outorgou. (13DSG, p.10)

Na ocorrência (07), “*todavia*” apresenta características de uma conjunção prototípica, ou seja, ocupa posição inicial, articula as orações tanto no nível sintático quanto no nível semântico. Entretanto, no nível semântico, permite duas leituras, de modo e adversativa. Numa leitura de modo, “*todavia*” tem sentido de *de todo modo*, ou seja, o cavaleiro roga *de todo modo* a sua ida junto a Erec. Já, numa leitura adversativa, estabelece uma relação de contra-argumentação, em que, o segundo enunciado, se vale da resposta dada no primeiro enunciado para estabelecer a argumentação contrária a resposta dada. Essa ambiguidade, entretanto, não se verifica na ocorrência (08), na qual prevalece o valor semântico de adversidade.

- (08) Preços e juros em alta reforçam a tendência de desaquecimento econômico, o que deveria contribuir para o declínio da inflação. **Todavia** as aplicações especulativas nos mercados futuros sustentam os preços altos. (21FSP, jun.08)

Nessa ocorrência, “*todavia*” comporta-se como conjunção prototípica, pois ocupa posição inicial, articula os dois enunciados tanto no nível sintático quanto no nível semântico e estabelece a relação semântica de adversatividade, em que, no primeiro argumento, o locutor defende que ocorre um declínio da inflação, uma vez que os preços e juros estão em alta, para, no segundo argumento, concluir que a inflação não vai sofrer um declínio.

Na tabela 02, apresentamos o percentual de ocorrências em cada uma das posições sintáticas – inicial, medial e final – ocupadas por “*todavia*”.

Posição/categoria		Percentual
Inicial	Advérbio	5
	<i>juntivo</i>	(9,3%)
	Conjunção	9
		(16,7%)
Medial	Advérbio	20
		(37%)
	Advérbio	15
	<i>juntivo</i>	(27,8%)
Final	Advérbio	3
		(5,5%)
	Advérbio	2
	<i>juntivo</i>	(3,7%)
	Total	54
		(100%)

Tabela 02: Frequência das posições sintáticas de “*todavia*” na história do português (séc. XIII a XXI)

A partir das frequências apresentadas acima, 37% das ocorrências de “*todavia*” se encontram na posição medial como advérbio, o que acaba caracterizando um estágio tardio de gramaticalização.

No gráfico 02, à página seguinte, está apresentada a distribuição categorial de “*todavia*” por século, a fim de deprendermos o momento em se deu seu processo de mudança categorial.

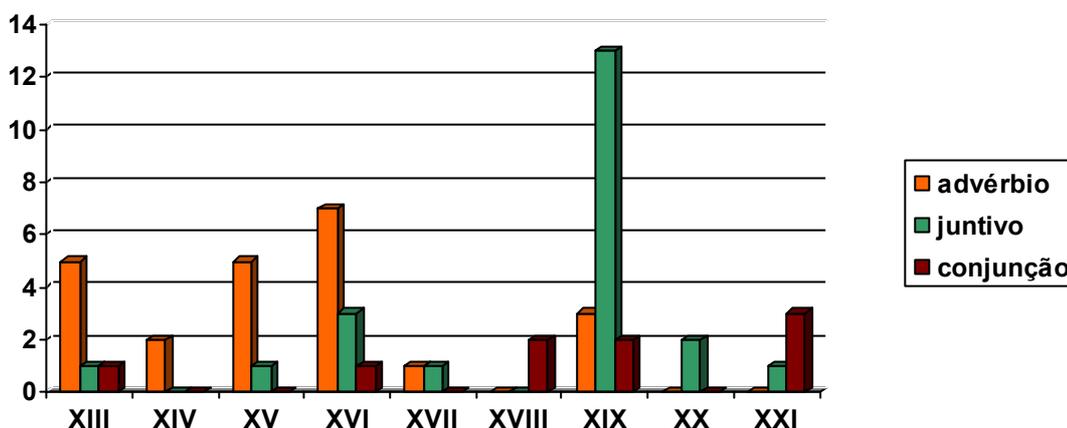


Gráfico 02: O desenvolvimento categorial de “todavia” do século XIII ao XXI

Até o século XVI, há o predomínio da função adverbial de “todavia”, que, no século XVII, se iguala com o uso juntivo, desaparecendo no século XVIII e reaparecendo no século XIX, rumo ao completo desaparecimento nos séculos XX e XXI. Na sincronia atual, destaca-se o uso conjuncional em relação à função juntiva, caracterizando o início do processo de mudança *advérbio juntivo* > *conjunção*, pois, como diagnosticamos na tabela02, a percentagem geral de usos como *advérbio juntivo* é significativamente maior que a percentagem dos usos conjuncionais. Acreditamos que, a partir da análise comparativa dos advérbios juntivos adversativos, poderemos afirmar o estágio de gramaticalização em que *todavia* se encontra.

Diante desses resultados, é possível propor que “todavia” passou por um processo de recategorização, que obedece a seguinte escala de gramaticalização:

(09) SINTAGMA > ADVÉRBIO DE > ADVÉRBIO > (CONJUNÇÃO)
 NOMINAL MODO (I / II) JUNTIVO
 COMO
 ADVÉRBIO
 ESPACIAL

Em relação ao aspecto semântico, foram encontrados, como já foi mostrado na tabela 02, cinco *types* – modo I, modo II, ambíguo entre modo I e adversativo, reforço de um outro item adversativo e adversativo.

No gráfico 03, dado a seguir, pode-se observar o comportamento semântico de “todavia” ao longo dos séculos investigados. O uso modal I e II, em que o item tem valor de *de todo modo* e *completamente*, respectivamente, oscila entre os séculos estudados, desaparecendo, completamente, nos séculos XX e XXI. O uso ambíguo – modal/adversativo – e o uso como reforço de outro item adversativo funcionam como estágios intermediários para fixação do valor adversativo, ocorrendo entre o

século mais inicial até o século XVI, em que a mudança parece se instaurar em favor do valor adversativo que ocorre desde o século mais inicial.

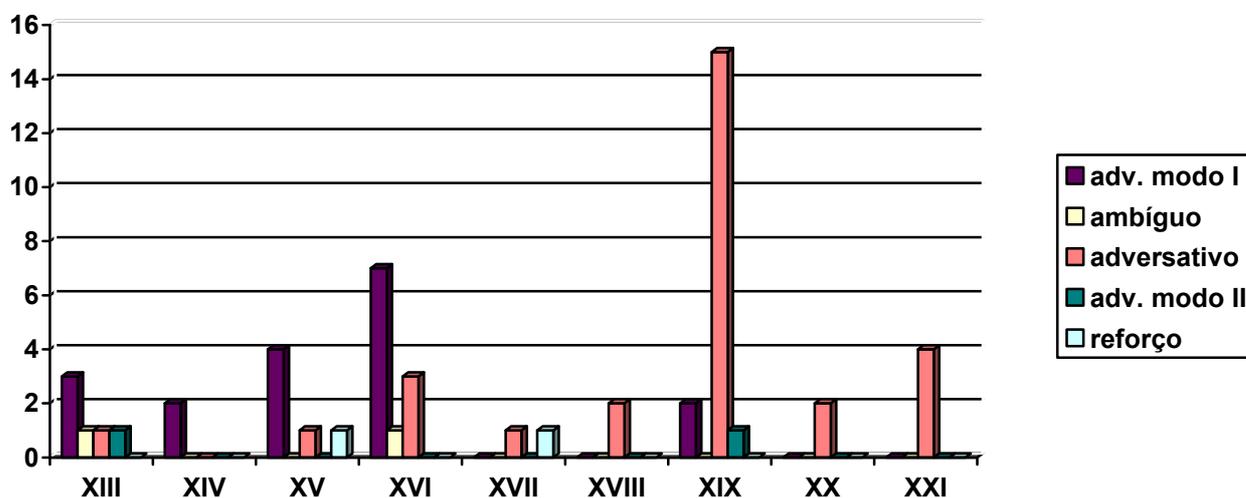


Gráfico 03: Os valores semânticos de *todavia* do século XIII ao XXI

Uma possível escala de mudança das funções semânticas de “ *todavia* ” é a dada abaixo.

(10) ESPAÇO > MODO > { AMBÍGUO } > ADVERSATIVO
 { REFORÇO }

A mudança semântica de “ *todavia* ” pode ser explicada tanto por um processo metonímico como por um processo metafórico. Segundo Said Ali (1964) e Barreto (1999), “ *todavia* ” assumiu o valor adversativo em contextos negativos, via metonímia. Os resultados do controle da presença de negação nos dados investigados são explicitados na tabela 03.

Contexto Negativo	Frequência
Negação na primeira oração	9 (47.4%)
Negação na segunda oração	8 (42.1%)
Negação nas duas orações	2 (10.5%)
Total	19 (100%)

Tabela 03: O uso de “ *todavia* ” em presença de elemento de negação ao longo da história do português (séc. XIII a XXI)

Estratégias argumentativas	XIII	XIV	XV	XVI	XVII	XVIII	XIX	XX	XXI	Total
contra-argumentação	1	-	-	1	-	-	3	1	2	8 (25%)
negação de inferência	-	-	-	2	-	1	5	-	-	8 (25%)
direção independente (acréscimo de novo argumento)	1	-	-	-	-	-	3	-	1	5 (15,7%)
restrição (acréscimo)	-	-	-	1	-	1	1	-	-	3 (9,4%)
oposição	-	-	1	-	-	-	1	1	-	3 (9,4%)
compensação (acréscimo de informação)	-	-	-	-	1	-	-	-	1	2 (6,2%)
compensação (substituição de informação)	-	-	-	-	1	-	1	-	-	2 (6,2%)
direção independente (acréscimo de novo foco)	-	-	-	-	-	-	1	-	-	1 (3,1%)
Frequência <i>token</i>	2	-	1	4	2	2	15	2	4	32 (100%)
Frequência <i>type</i>	2	-	1	3	2	2	7	2	3	8

Tabela 04: Estratégias argumentativas de “*todavia*” (adversativo) do século XIII ao XXI

De acordo com o percentual apresentado, as estratégias mais frequentes são a contra-argumentação e a negação de inferência, totalizando juntas, 50%. Porém, se observarmos as estratégias argumentativas atualizadas por século, verificaremos que, no século XXI, há apenas três estratégias sendo atualizadas e, dessas três, a contra-argumentação parece ser a preferida. No século XIX, que apresenta a maior frequência de usos adversativos, são atualizadas sete estratégias argumentativas, revelando, assim, o caráter multifuncional de “*todavia*” nesse período.

O fato de a multifuncionalidade (*types*) de “*todavia*” ser menor no século XXI, possivelmente, o afastará, num *cline* de gramaticalidade, dos usos de itens mais gramaticalizados, que se espera mais multifuncionais.

3 Considerações finais

O presente texto teve como objetivo apresentar a mudança sintático-semântica do *todavia* adversativo “ *todavia*” na história do português. Para tanto, trabalhamos com os fatores *categoria do item, função semântica estabelecida por ele e século*. A partir dos diferentes cruzamentos feitos entre esses fatores, diagnosticamos que, possivelmente, a mudança semântica de “ *todavia*” é anterior a mudança categorial, pois, como vimos na tabela 1 e nos gráficos 2 e 3, o percentual de usos como adversativo é, significativamente, maior que o percentual de usos conjuncionais, estágio mais gramaticalizado.

Para explicarmos a mudança semântica de “ *todavia*”, valemo-nos dos trabalhos de Sweetser (1990) sobre os adversativos *tuttavia* e *anyway* e dos trabalhos de Rocha (2006) sobre a motivação metafórica dos adversativos. A mudança semântica do *todavia* explicada por um viés metafórico mostra que a mudança foi implementada por meio da escala de abstratização *espaço > (tempo) > texto* (Heine *et al.*, 1991), abstratizando, segundo Sweetser (1990), o valor de *via*, que deixa de significar um caminho espacial e passa a significar um caminho mental utilizado pelo falante para estabelecer a conclusão que, no caso de *todavia*, é um conclusão inesperada. Num trabalho posterior, mostraremos a importância da metonímia para explicar os estágios intermediários que há entre *espaço* e *texto*.

Referências

- BARRETO, T. M. M. *Gramaticalização das conjunções na história do português*. 1999. Tese de doutorado – Universidade Federal da Bahia, Salvador (Bahia) UFBA, Salvador (Bahia).
- BYBEE, J., PERKINS, R., PAGLIUCA, W. *The evolution of grammar*. Chicago/London: The University of Chicago Press, 1994.
- BYBEE, J. Cognitive processes in grammaticalization. In: Thomasello, M. (ed.) *The New Psychology of Language*. vol. II. New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates Inc., 2002.
- BYBEE, J. Mechanisms of change in grammaticization: the role of frequency. In: JANDA, R.; JOSEPH, B. (eds.) *The handbook of historical linguistics*. Oxford: Blackwell, 2003, p. 602-623.
- CÂMARA JR, J. *História e estrutura da língua portuguesa*. 2. ed. Rio de Janeiro: Padrão, 1975.
- CASTILHO, C.M.M. Locativos, fônicos, articuladores discursivos e conjunções no português medieval. Gramaticalização de *ende/en* e de *porende/porém*. *Filologia e linguística portuguesa*, São Paulo, Humanitas/FFLCH/USP, n.6, p. 53-100, 1997.

HEINE *et al.* *Grammaticalization: a conceptual framework*. Chicago: The University of Chicago Press, 1991.

HOPPER, P.; TRAUGOTT, E. *Grammaticalization*. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

HOUAISS, A.; VILLAR, M. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

LONGHIN-THOMAZI, S.R. *Corpus Diacrônico do Português*. 2007. Disponível em: www.cdp.ibilce.unesp.br

ROCHA, A.P.A. *Gramaticalização de conjunções adversativas em português: em busca da motivação conceptual do processo*. 2006. Tese (Doutorado em Linguística) – Departamento de Letras do Centro de Teologia e Ciências Humanas, PUC-Rio, Rio de Janeiro.

SAID ALI, M. *Gramática histórica da língua portuguesa*. 3.ed. São Paulo: Melhoramentos, 1964.

SWEETSER, E. *From Etymology to pragmatics*. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.

TRAUGOTT, E. From propositional to textual and expressive meanings: some semantic-pragmatic aspects of grammaticalization. *Amsterdam studies in the theory and history of linguistic science*. Lehman, C., Malkiel (orgs), 24:245-271, 1982.

_____. *From subjectification to intersubjectification*. Paper presented at the Workshop on Historical Linguistics, Vancouver, Canadá, 1999.

TRAUGOTT, E; KÖNIG, The semantic-pragmatics of grammaticalization revisited. TRAUGOTT, E., HEINE, B. (orgs.) *Approaches to grammaticalization*. Vol. 1. John Benjamins Publishing Company, 1991.

Recebido em 30 de janeiro de 2011.

Aceito em 6 de junho de 2012.

TATIANA MAZZA DA SILVA-SURER

Doutoranda no programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos na Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" (UNESP - São José do Rio Preto), na área de Análise Linguística e na linha de pesquisa de Variação e Mudança Linguística. Bolsista CAPES. E-mail: tmazza@sjrp.unesp.br.